

Diretor reclama de falta de dinheiro

Os protestos são muitos. Por todos os cantos do hospital, é possível encontrar quem reclame das condições do centro, que, atualmente, é o maior e mais importante do DF. São mais de 42 mil atendimentos mensais, quase 10% de todos os realizados pela rede pública.

Para o diretor do Hospital de Base, Aluísio Toscano Franca, a fonte dos problemas é a quantidade irrisória de recursos destinados para a saúde no País.

"Saúde custa caro e o governo investe pouco. Um único doente cardíaco infartado custa para o centro em torno de R\$ 50 mil por mês. Nenhum hospital, entretanto, recebe essa quantia por tratamento", afirma ele.

O médico intensivista Pedro Nery acredita que o problema é o controle "absolutamente ineficiente", como definiu, dos gastos em cada hospital.

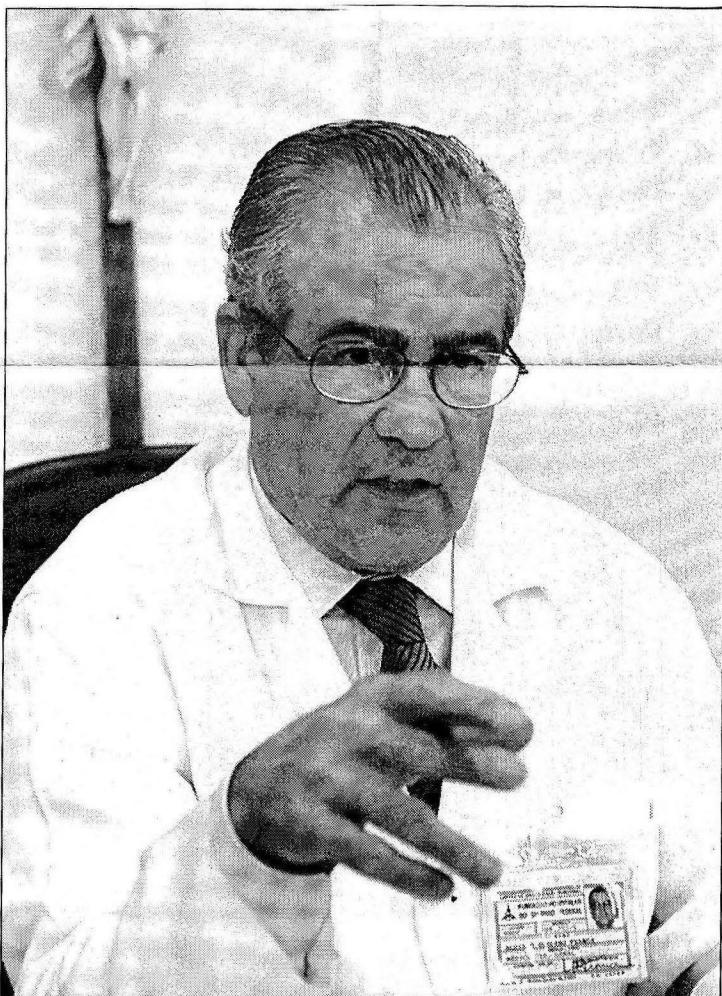
"O Sistema Único de Saúde (SUS) paga por cada item utilizado nos procedimentos,

desde que devidamente comprovados. Não existe, no entanto, um controle efetivo do que é usado pelos funcionários em cada procedimento. O hospital acaba perdendo muito dinheiro", declara.

Para sanar as deficiências e adequar-se à demanda, o Hospital de Base precisará de muito dinheiro, independentemente de onde venham os recursos.

No setor da oncologia, que trata doentes com câncer, seriam necessários pelo menos R\$ 7 milhões para regularizar a estrutura e substituir um equipamento que há 20 anos vem sendo utilizado nos tratamentos.

Já a construção do bloco de procedimentos e setores especializados, que desafogaria o pronto-socorro, não sairia por menos de R\$ 3 milhões. Isso sem contar as diversas outras pequenas reformas que precisam ser feitas no prédio da internação (cerca de R\$ 2 milhões) e o reaparelhamento de algumas alas do HBDF.



PARA Toscano, a origem dos males é a escassez de verbas